

## **DIVERSIDADE CULTURAL E DIFERENTES FORMAS DE HABITAR: A COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBOS DE SANTIAGO DO IGUAPE, BAHIA**

Rodrigo dos Santos Costa <sup>1</sup>  
Camila Brandão Machado <sup>2</sup>

### **RESUMO**

O artigo busca refletir sobre a diversidade cultural e as diferentes formas de habitar a partir do estudo da comunidade quilombola de Santiago do Iguape, localizada no Vale do Iguape, município de Cachoeira, Bahia. Historicamente, o Vale do Iguape se constituiu como uma das freguesias mais produtivas da região do Recôncavo Baiano, onde se desenvolveu importantes cultivos da cana-de-açúcar e fumo, e tornou-se, também, um dos locais que mais recebeu negros africanos na América Portuguesa. Após a abolição da escravatura, em 1888, os grandes números de negros escravizados ali reunidos passaram, ao criar e efetivar estratégias de resistência, a habitar “clandestinamente” locais entre as fazendas, originando, assim, as comunidades que hoje reconhecemos como remanescente de quilombos. O Vale do Iguape, atualmente, é formado por quatorze comunidades quilombolas, entre elas, o estudo de caso. Nesse sentido, o trabalho foi realizado através de levantamento bibliográfico, pesquisa de campo e entrevistas. Como resultado desses estudos, no artigo é apresentada uma discussão sobre o conceito de comunidade tradicional e quilombola e uma caracterização da comunidade de Santiago do Iguape, a começar por seus traços culturais, passando por suas atividades de subsistência e sua forma de habitar. Por conseguinte, verificou-se os conhecimentos ancestrais se refletindo em todos esses âmbitos, na forma de se relacionar com a natureza, por meio das atividades de subsistência como as práticas tradicionais de agricultura, com a produção de farinha e azeite de dendê, pescaria e mariscagem; na arquitetura e técnicas construtivas.

**Palavras-chave:** Diversidade Cultural. Formas de habitar. Comunidade quilombola. Santiago do Iguape.

### **1 INTRODUÇÃO**

A comunidade quilombola de Santiago do Iguape está localizada no Vale do Iguape, município de Cachoeira, Recôncavo da Bahia. Situada na Baía de Todos os Santos (BTS), o quilombo está a cerca de 100 km da capital do estado, Salvador.

Historicamente, o Vale do Iguape se constituiu como uma das freguesias mais produtivas da região do Recôncavo Baiano, concentrava cerca de 20 engenhos, onde se desenvolveu importantes cultivos da cana-de-açúcar e fumo. Também por isso, recebeu um

---

<sup>1</sup> Graduando em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Católica do Salvador, drigoq7x@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestranda em Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, camilabrandaom@gmail.com.

grande contingente de negras e negros africanos para o trabalho escravizado. Esse expressivo número de engenhos revela a importância que o Vale do Iguape tinha para a economia da Província da Bahia.

Com esse grande número de engenhos, a população de negras e negros escravizados era maior que a mulheres e homens livres. Esses criaram e praticaram várias estratégias de resistência, desde a queima de lavouras até aos encontros entre fugitivos, que se reuniam e habitavam clandestinamente locais entre as fazendas. Com a promulgação da abolição da escravatura, em 1888, esses passam a habitar diferentes localidades na região do Recôncavo Baiano, originando as comunidades que hoje são reconhecidas como remanescente de quilombos.

No Vale do Iguape, atualmente, existem quatorze comunidades quilombolas que estão em torno da Bacia e Vale do Iguape, distribuídos nos distritos de Santiago do Iguape e São Francisco do Paraguaçu, isto é Kaonge, Kalembá, Kaimbongo Velho, Kalole, Dendê, Imbiara, Engenho da Ponte, Engenho da Praia, Engenho da Vitória, Tombo, Engenho Novo, Engenho da Cruz, Brejo (Figura 1). Essas foram reconhecidas por meio do Conselho Quilombola<sup>3</sup> na região. A menor parte dessas comunidades possuem as terras demarcadas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), sendo uma das lutas enfrentadas pelas demais, haja vista que boa parte das terras já foi destinada por esse órgão a essas comunidades, que seguem lutando para a efetividade desse direito.

Nesse sentido, esse artigo busca refletir sobre a diversidade cultural e as diferentes formas habitar a partir do estudo da comunidade quilombola de Santiago do Iguape. Para tanto, a seção seguinte aborda a questão da conceitualização quilombola e a atualização desse conceito. Após, realiza-se considerações acerca da identificação da comunidade do Iguape como remanescente de quilombo.

## **2 O CONCEITO DE QUILOMBO**

O conceito de territórios quilombolas se manteve por longas datas baseado na concepção fundada no período colonial (ESPÍRITO SANTO, 2011, s/n). Esse era entendido como todo conjunto de habitações formadas por negras e negros fugitivos, em locais estrategicamente situados. É importante destacar, no entanto, que esses territórios eram

---

<sup>3</sup> O Conselho Quilombola da Bacia e Vale do Iguape é um dos canais construído pelas comunidades quilombolas da região de Cachoeira, Bahia, para se organizar, dialogar e pressionar os poderes públicos para as demandas das mesmas. Esse Conselho Quilombola agrupa as associações existentes no Vale do Iguape, sua sede localiza-se na comunidade quilombola do Kaonge, que a partir dos dias atuais organizou-se para obtenção e concessão do reconhecimento da Fundação Palmares - Entidade Pública de preservação das manifestações afro-brasileiras.

também constituídos por índios e brancos, pobres e remediados, esses últimos muitas vezes fugitivos do ganancioso sistema fiscal colonial.

Das lutas dos movimentos negros dos anos 1980 advém a ressignificação do termo “quilombos”, agora nomeados enquanto “comunidades remanescentes de quilombos” ou “remanescentes das comunidades de quilombos”. O conceito atualizado se diferencia da representação estabelecida no regime escravocrata, já que o anterior se associava a marginalidade e criminalidade. O termo “quilombo”, mesmo que preenchido por significações históricas e culturais, como reflexão da luta pelo fim do regime escravista, remete ao passado, onde exprime questões já superadas do período da escravidão, logo, passa a considerar-se a categoria “remanescentes de quilombo” como um auto reconhecimento por parte dos atores sociais envolvidos.

O quilombo ressemantizado é um rompimento com as ideias passadistas (frigorificadas) e com a definição “jurídico-formal historicamente cristalizada”, tendo como pontos de partida situações sociais e seus agentes que, por intermédio de instrumentos político-organizativos (tais como as próprias comunidades quilombolas, associações quilombolas, Ongs, movimentos negros organizados, movimentos sociais e acadêmicos), buscam assegurar seus direitos constitucionais (MARQUES; GOMES, 2013, p 142).

Já por parte do Estado brasileiro, essas comunidades, caracterizadas como rurais ou urbanas, são, atualmente, definidas como:

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos por tradição (BRASIL, s.d.).

O processo de lutas por terras quilombolas das comunidades do Vale do Iguape foi marcado por formações de lideranças, organização política, construção de identidade, que perpassam anos. A criação do Conselho Quilombola e Centro de Cultura do Vale do Iguape fomentaram reflexões sobre os direitos das comunidades quilombolas, além de resgatar os traços culturais das comunidades, diretamente relacionada às suas atividades naturais e forma de habitar.

### **3 A COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBOS DE SANTIAGO DO IGUAPE**

Para a identificação como comunidade tradicional, os remanescentes de quilombos possuem como uma das características fundamentais a utilização do território e dos recursos naturais para sua sobrevivência. Santiago do Iguape estabelece relações específicas com os

seus recursos naturais, trazendo para essa localidade uma significação além de simples terras, mas, de fonte para a provisão dos seus bens culturais e econômicos, onde, através do mesmo, se reproduzem.

Por meio dos conhecimentos, práticas e técnicas disseminadas pelos seus ancestrais, as atividades produtivas refletem uma maneira específica desse grupo de se relacionar com a natureza, caracterizando essa comunidade. Santiago do Iguape é tradicionalmente agrícola, com seus trabalhos nas roças. As atividades produtivas na terra se desenvolvem em períodos no qual favoreça a plantação dos roçados, com a produção do dendê e da farinha de mandioca. Em paralelo, desenvolvem as atividades da pescaria e mariscagem, fator esse que torna a comunidade também ribeirinha<sup>4</sup>. Além de refletir o ciclo do trabalho dessa comunidade entre terra e mar.

### **O tecer, lançar e puxar das redes**

A pesca em Santiago do Iguape é a atividade econômica que gera maior renda para essa comunidade, na qual possui sua Colônia de Pescadores fundada em 10 de abril de 2005. A pesca artesanal, como principal atividade de comunidades tradicionais, é entendida como um conjunto de práticas culturais, habilidades, saberes e modos de fazer que geralmente é transmitido oralmente como a função de assegurar a reprodução do seu modo de vida (DIEGUES, 2004 apud CALEGARE; HIGUCHI; BRUNO, 2014, p. 117). As comunidades tradicionais pesqueiras diferentemente da pesca realizada em larga escala, onde existem os usos de tecnologias sofisticadas e equipamentos pesados, realizam a pesca de forma artesanal, mantendo as práticas ancestrais que refletem os seus traços culturais.

Conhecimentos da pescaria em Iguape são conquistados durante anos de ofício. As técnicas de pesca, os modos de construção dos seus objetos e estruturas de apoio revelam um conhecimento que perpassam décadas e gerações, prosseguindo na atualidade como forma de memória, mantendo as fortes características pesqueiras tradicionais da comunidade.

Ademais, o ofício de pescador na comunidade é retratado como uma forma de ajudar a manter a renda familiar. Por meio da comercialização realizada pelos próprios pescadores, que transitam pelas ruas da cidade com seus balaios, em vendas locais ou pelos chamados

---

<sup>4</sup> Para Lima (2004 apud BATISTA, 2011), [...] os ribeirinhos são identificados como um tipo de população tradicional, orientada por valores que regem um modelo de comportamento comunitário dos recursos naturais. Condição essa corroborada, por Corrêa (apud SILVA, 2005), ao explicar que o termo ribeirinho pode ser entendido como uma categoria que permaneceu às margens dos rios, afetada pela negligência das políticas públicas e sociais, à revelia da expansão de projetos agropolíticos e de debates nacionais ou internacionais sob o seu habitat que é ao mesmo tempo significação, percepção e reprodução social e simbólica.

“atravessadores” em feiras das cidades próximas, como Cachoeira, Santo Amaro e Salvador.

Quando os pescados não são comercializados, os pescadores utilizam da técnica de conservação, fazendo uso da luz natural e uso de materiais artesanais de secagem, tanto para alimentação diária quanto para a produção dos peixes e camarões secos (Figura 1). O que impede o desperdício dos pescados e o prejuízo para os pescadores. Essa técnica reflete um período em que as formas de congelamento desses alimentos não eram acessíveis.

**Figura 1** – Cercado de peixe seco



Fonte: COSTA, 2017.

**Figura 2** – Pescador tecendo sua rede



Fonte: COSTA, 2017.

Por meio do saber/fazer, os materiais utilizados para a pesca foram se modificando, através da prática e do passar dos anos, como forma de aperfeiçoamento da atividade econômica. O exemplo das massaquaras<sup>5</sup> que são substituídas pelas camboas<sup>6</sup>, além das redes de pesca confeccionadas de cordão, que passaram a ser construída com fios de *nylon*. Essa trajetória transmite o modo de vida dos moradores de Santiago do Iguape, revelando a inter-relação entre a cultura e natureza que reflete sua forma de viver e habitar.

## Mariscagem

A pesca em seu contexto geral é lembrada como uma atividade de predominância masculina. No entanto, na comunidade de Santiago do Iguape, a atividade da mariscagem

<sup>5</sup> Espaços de pesca no mar, construídos com estacas. Dentro desses espaços, os pescadores utilizavam a maruã, uma espécie de armadilha feita com cipó verdadeiro ou, como costuma chamar os moradores da comunidade, um “cofo” (utensílio redondo, com um pau atravessado, esse pau ajudava na captura dos pescados). A prática da pesca em “massaquaras” não é mais realizada na comunidade quilombola de Santiago do Iguape.

<sup>6</sup> “Camboas” também são espaços de pescas no mar, construídas com estacas. Elas diferiam da “massaquara”, pois adicionava o “copo”, este aprisionava os pescados quando a maré vazava.

reflete a participação ativa da ancestralidade da mulher negra quilombola na pescaria. Fato que retrata a divisão sexual do trabalho na comunidade e proporciona à mulher a possibilidade de pescar, sem o uso excessivo da força física, onde se adquire a coleta de sururu e ostra, cavam peixes, como “mirim” e “amoréia”, além de pescar siri utilizando linha e “jereré”.

As marisqueiras, através de suas sensações, aprendem a ver as águas distinguindo suas tonalidades, a reconhecer o estado da maré ao ouvir os sons das águas, e ao sentir o quão doce ou salgadas estão às mesmas, ou seja, através de percepções sensoriais as marisqueiras desenvolvem conhecimentos sobre o manguezal (DIAS; DE SOUZA ROSA; DAMASCENO, 2007, s.p.).

Sendo considerada pesca de baixo impacto, a mariscagem é realizada através de materiais rudimentares, confeccionados pelas próprias marisqueiras, refletindo o papel feminino não só na construção dos objetos de mariscagem, como o ferro, o facão, o sapatão de pano e o balaio para carregar mariscos, mas também instrumentos essenciais para a pesca artesanal, como redinhas e redes grandes, costuradas pelas mesmas.

**Figura 3** – Pescadora da Baía do Iguape na realização de seu trabalho



Fonte: COSTA, 2017.

Como forma de alimentar seus filhos e famílias, o trabalho pesqueiro feminino passa a se constituir de forma marcante na comunidade, expressado pelo conhecimento obtido por meio da oralidade sobre a pesca no manguezal, repassado de geração em geração entre essas mulheres. Além dos conhecimentos provenientes das tarefas diárias realizadas em paralelo aos manguezais, tais quais como as atividades agrícolas de produção de azeite de dendê e farinha artesanal e também dos trabalhos domésticos.

As marisqueiras se deslocam normalmente a pé pelos manguezais já que, a partir dos conhecimentos dos horários das marés, do cheiro de chuva que o vento trás, ou a partir da noite boa ou não para a pesca do camarão, identificam os pontos onde a coleta dos mariscos se torna mais dificultosa.

Porém, por questões de redução da salinidade e deterioração da qualidade da água, causada pela construção da Barragem Pedra do Cavalo<sup>7</sup>, que têm gerado diversas alterações na magnitude e frequência das vazões a jusante, muitas vezes a pesca passa a necessitar do uso de embarcações, por meio de caronas com outros pescadores, para realizar a cata dos mariscos em regiões mais afastadas da comunidade.

### **Produção de Farinha**

Considerados tradicionalmente agrícolas, os remanescentes de quilombo de Santiago do Iguape desenvolvem por meio da agricultura familiar<sup>8</sup> a produção de farinha de mandioca artesanal. Conhecedores das técnicas tradicionais, a comunidade utiliza instrumentos de fabricação rudimentar, como a enxada e o facão.

O preparo da farinha se dá por meio do manuseio das plantações no território quilombola, geralmente feita no início do período chuvoso, quando o terreno é preparado para o cultivo. Esse se dá com abertura de covas enfileiradas onde se planta as chamadas *manivas*, que são os caules de mandiocas retirados de um cultivo anterior. As covas são abertas com espaçamento de aproximadamente 01 (um) metro entre si, sendo esta distância medida pelos próprios quilombolas, muitas vezes fazendo o uso do próprio corpo, principalmente as pernas onde a cada passo faz-se uma cova.

Ao chegar o tempo exato de colheita, feita normalmente pelas próprias famílias, a mandioca é arrancada e separada do caule e as *manivas* são transportadas para locais protegidos do sol. A colheita é realizada nas primeiras horas da manhã ou ao entardecer. O transporte dos montes das raízes da mandioca é realizado por bois ou cavalos, no qual as ramas são transportadas para as casas de farinha dentro de balaios e cestos.

---

<sup>7</sup> A Barragem Pedra do Cavalo foi construída na década de 80, na cabeceira do estuário do Rio Paraguaçu, promovendo mudanças no regime hidrológico e afetando a região estuarina. A implantação da Usina Hidrelétrica (UHE) Pedra do Cavalo (165,3 MW) em 2005 modificou a operação da barragem. Trata-se de uma usina de ponta, contendo duas turbinas de eixo vertical com 82,65 MW de potência e vazão máxima de 80 m<sup>3</sup>/s cada. A produção de energia equivale a 700.000 MWh/ano, sendo suficiente para abastecer uma cidade de 250 mil habitantes.

<sup>8</sup> Agricultura familiar é um conceito utilizado para caracterizar as unidades de produção rural, estruturadas no trabalho familiar, que se identificam pela relação entre terra, trabalho e família. As recentes transformações ocorridas no espaço agrário brasileiro, com o advento da modernização, afetaram as pequenas e médias propriedades rurais, provocando a descapitalização e a exclusão social do pequeno agricultor familiar, o que trouxe como consequência o êxodo rural. (<https://www.revistas.ufg.br/espaco/article/view/19382/11270>)

Para o preparo da farinha artesanal, os remanescentes de quilombos, utilizam um local de produção, que, geralmente, se situa próximo de suas residências. Esse local, normalmente representado por uma arquitetura vernacular<sup>9</sup>, chama-se Casa de Farinha.

A fabricação da mandioca na comunidade do Iguape se faz de maneira coletiva, as famílias e moradores da comunidade fazem uso do espaço de preparo da farinha que segue as etapas de lavagem e descascamento (raspagem) das raízes de mandioca, ralação das raízes, prensagem da massa ralada, esfrelamento e peneiração, torração, classificação da farinha, pesagem e empacotamento.

### Técnicas construtivas

**Figura 4** – Casa de Farinha



Fonte: COSTA, 2017.

**Figura 5** – Casa de Fabricação de dendê



Fonte: COSTA, 2017.

Sobre influência da arquitetura vernacular trazida pelos povos africanos<sup>10</sup>, os quilombolas da comunidade do Iguape desenvolveram sua cultura, baseada na tradição dos diversos grupos que formaram o quilombo, onde há a presença de elementos de diversas etnias africanas. Fazendo uso do barro como matéria de base e de acabamento, através de técnicas construtivas adquiridas, como a taipa de pilão, muitas são as construções da comunidade de Santiago do Iguape. O uso dessa técnica construtiva, também chamada por

<sup>9</sup> A arquitetura Vernacular é uma tipologia arquitetônica caracterizada por modos de construir em determinadas localidades a partir dos materiais encontrados na própria região. Segundo Silva (1994), é a arquitetura sem arquitetos, anônima, também denominada de espontânea ou popular. Mas mais que isso, é uma arquitetura autóctone, com expressiva identidade e resultante de uma produção coletiva de trabalho. (<https://even3storage.blob.core.windows.net/anais/59556.p>).

<sup>10</sup> No Norte da África a técnica da taipa de pilão é utilizada muito tempo antes dos portugueses chegarem por aqui. A técnica construtiva consiste de acordo com definição de Di Marco (1984) no preenchimento com uma mistura de água, terra e fibras, de uma ossatura interna de madeira ou bambu, formada por ripas horizontais e verticais, com amarração feita de tiras de couro, cipó, barbante, prego ou arame. Esta mistura de terra é jogada com as mãos do lado de dentro e, de fora ao mesmo tempo, e apertada sobre a trama da parede.

chamada de pau-a-pique, taipa de sopapo, taipa de sebe, barro armado, origina a construção de casas de moradia e locais de apoio para suas atividades coletivas e de produção. Cenário que demonstra persistência das técnicas construtivas tradicionais para a concepção do espaço dessa comunidade.

#### **4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Santiago do Iguape revela as suas práticas tradicionais diante sua rica pluralidade cultural e histórica, permitindo a compressão principalmente por meio de vivências e percepções cotidianas, que tornam motivadoras o estudo das relações dos habitantes com a Vila. A comunidade se expressa fortemente nas formas de habitar e sobreviver, refletida em as suas práticas tradicionais, desenvolvidas e mantidas até os dias atuais pelos remanescentes de quilombos.

Dessa forma, desperta-se o olhar para esse grupo identitário, como forma de trazer essa trajetória da ancestralidade dos povos africanos e sua inter-relação na cultura afro-brasileira, relacionando a identidade quilombola, dentre a concepção e o respeito aos aspectos culturais, territoriais e a moradia, além de poder contribuir com esse povo que luta pela permanência da continuidade da sua cultura, ainda tão inviabilizada.

#### **REFERÊNCIAS**

BATISTA, Sônia Socorro Miranda. Cultura ribeirinha: a vida cotidiana na Ilha do Combú/Pará. V **jornada Internacional de Políticas Públicas**, 2011. Disponível em: [http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA\\_EIXO\\_2011/ESTADO\\_CULTURA\\_E\\_IDENTIDADE/CULTURA\\_RIBEIRINHA\\_A\\_VIDA\\_COTIDIANA\\_NA\\_ILHA\\_DO\\_COMBUPARA.pdf](http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA_EIXO_2011/ESTADO_CULTURA_E_IDENTIDADE/CULTURA_RIBEIRINHA_A_VIDA_COTIDIANA_NA_ILHA_DO_COMBUPARA.pdf). Acesso em: 2018.

BRASIL. MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS, Secretaria Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Comunidades Tradicionais - O que são**. Disponível em: <http://www.seppir.gov.br/comunidades-tradicionais/o-que-sao-comunidades-tradicionais>. Acesso em: 2018.

CALEGARE, Marcelo Gustavo Aguilar; HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; BRUNO, Ana Carla dos Santos. Povos e Comunidades Tradicionais: das Áreas Protegidas à visibilidade política de grupos sociais portadores de identidade étnica e coletiva. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 115-134, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/asoc/v17n3/v17n3a08.pdf>. Acesso em: 2018.

DIAS, Thelma Lúcia Pereira; DE SOUZA ROSA, Ricardo; DAMASCENO, Luis Carlos Pereira. Aspectos socioeconômicos, percepção ambiental e perspectivas das mulheres

marisqueiras da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Ponta do Tubarão (Rio Grande do Norte, Brasil). **Gaia Scientia**, v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/gaia/article/view/2225/1953>. Acesso em: 2018.

MARQUES, Carlos Eduardo; GOMES, Lílian. A Constituição de 1988 e a ressignificação dos quilombos contemporâneos. Limites e potencialidades. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, n. 81, 2013. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/107/10725598009/>. Acesso em: 2018.